

CENARIO ELEITORAL

Reproduzo, por oportunos, dois textos em circulação nas redes: 1. Um novo Alckmin? Marco Antonio Carvalho Teixeira – Facebook 23 de julho

Maiores possibilidades de segundo turno no momento: 1) Alckmin versus Ciro; 2) Alckmin versus Marina. Lula não será candidato e o fato do PT insistir em levar o nome dele até bem próximo da eleição poderá promover a erosão do seu eleitorado no desenrolar da campanha. Ciro e Marina deverão herdar esse grupo que diante da insegurança da campanha petista fará opção por um campo político de oposição. O risco para Alckmin é ser visto como candidato governista e comprometido com o Centrão, grupo político que vai tensionar sua campanha como fez Paulinho da força na questão do imposto sindical. O eleitorado de Bolsonaro vai diminuir quando ele passar a se expor. Na melhor das hipóteses ele fica em 3 e na pior em 5 lugar. Ao flertar com o Centrão e ser abandonado no altar, Ciro acabou se enfraquecendo. Seu discurso de oposição perdeu ímpeto e o curioso é que ele não avançou em aliança sequer com o PSB, seu apoio mais provável. Marina vai sofrer com o isolamento e falta de estrutura política. Não a vejo buscando alianças sequer com legendas menores. Talvez aposte em formas alternativas de mobilização, o que tem demonstrado limites em competições eleitorais no Brasil. Tempo de TV e apoio de lideranças ainda contam muito. Possíveis novidades, Boulos e Amoedo, dois extremos em termos ideológicos, devem ter votações razoáveis nos grandes centros, mas não devem passar de 2 a 5% do universo de votos válidos. Haddad, na reta final, será o candidato do PT. O tempo curto de campanha inviabiliza-lo. Hoje, como algumas pesquisas demonstram, ele herdaria muitos dos votos destinados a Lula e seria competitivo. A demora, que é parte da estratégia do PT para manter holofotes sobre Lula, pode se voltar eleitoralmente contra qualquer candidato petista. Por fim, não acredito que Manuela mantenha sua candidatura, é um nome para vice, provavelmente do Ciro. Álvaro Dias certamente vai perder espaço.

2. Diálogo fraterno com Marco Aurélio Nogueira

Tibério Canuto – Facebook 23 julho

Tenho por Marco Aurélio o maior apreço. Vejo-o como a minha principal referência nesta etapa da vida. (...)

Sem ter a mesma formação florentina, ousou estabelecer um diálogo com meu guru, com base no seu artigo "A boiada do Centrão". (...)

Marco Aurélio faz alertas importantes: tem razão quando chama a atenção sobre a possível perda na parte substantiva com a adesão dos partidos do "Centrão" à campanha de Alckmin. Esse risco é real e na campanha Geraldo

terá de esclarecer quais foram os compromissos assumidos e como será a montagem de seu governo, bem como o possível loteamento da máquina estatal; uma prática, diga-se, que causa repulsa nos brasileiros.

Mas vamos às minhas observações. O artigo me passou a impressão, e Marco me corrija se estiver errado, de uma leitura negativa do acordo entre o tucano e os partidos

do "Centrão", entre eles o PR de Valdemar Costa Neto. Minha leitura é diferente. Estes partidos, inclusive o Valdemar cortejado por Ciro, Bolsonaro e Lula, marchavam em direção às candidaturas populistas, o que colocava o país diante do risco iminente de ter de escolher entre o desastre e a tragédia em um segundo turno, para usar uma expressão extremamente feliz de Fernando Henrique. (...)

Não vou pinçar frases do artigo "A Boiada do "Centrão" para não distorcer o pensamento de Marco Aurélio. Este não é o método correto de se travar a boa polêmica. Mas me parece que o artigo subestimou o impacto da aliança Alckmin/"Centrão" no tabuleiro da disputa presidencial, que não se resume a maior tempo televisivo. Com a aliança, Geraldo, que vinha caindo pelas tabelas e não oferecia expectativa de poder, se reposicionou no tabuleiro eleitoral, adquiriu maior capilaridade nacional e palanques regionais competitivos. No meu modesto entendimento essas coisas, apesar de meio fora de moda, ainda pesam, e muito, nas eleições. (...)

Tempo de TV ainda pesará muito, também no meu modesto entendimento. Esse é um complicador terrível para Marina, que, corretamente, busca construir alianças com partidos como o PROS, o PHS e o PMN, que nada tem de ideológicos. Esses partidos se diferenciam do "Centrão" por uma questão de escala, de tamanho, mas não na sua essência. Não estou querendo com isso colocar na mesma balança as alianças de Alckmin e as de Marina, mas apenas alertar para a importância de alianças. Tampouco tem a pretensão de ensinar missa a vigário, pois, mais do que eu, Marco Aurélio sempre foi adepto de políticas de alianças. (...)

O maior ativo da Roda Democrática é o seu pluralismo. Ele nos permite a convivência respeitosa e fraterna. Marco e eu continuaremos com esse bom diálogo no nosso site e tomando um bom vinho na Mercearia do Francês.

3. M.Antonio

Josué de Alencar na chapa de Alckmin seria um contraponto a presença de figuras do centrão como Waldemar Costa Neto, Paulinho da Força e agregados, além de poder representar um duro golpe no PT. Entretanto, ao que parece, não vai vingar e Alckmin pode ficar com o tempo de TV e o desgaste. Algo parecido com o abraço do Maluf no Haddad e no Lula que acabou custando a desistência de Erundina como vice de Haddad, mas rendeu tempo de TV e vitória eleitoral com o PT pagando alto custo político até hoje.
<https://painel.blogfolha.uol.com.br/.../josue-alencar-diz-qu.../>